

PROTO-HISTÓRIA DA PENÍNSULA IBÉRICA



Porto
ADECAP
2000



ADECAP
Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular

Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular - Vol. V

**3.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

UTAD, VILA REAL, PORTUGAL,
SETEMBRO DE 1999

uma organização ADECAP - UTAI

ACTAS

Coordenação Editorial Geral

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Vol. 5

**PROTO-HISTÓRIA
DA PENÍNSULA IBÉRICA**

Coordenação de

**LUÍS BERROCAL-RANGEL • ANA M. S. BETTENCOURT
VIRGÍLIO H. CORREIA • M.ª D. FERNÁNDEZ-POSSE
F.-JAVIER SÁNCHEZ-PALENCIA**

Porto
ADECAP
2000



Este Congresso foi realizado sob os auspícios de:

EAA – European Association of Archaeologists
EAN-REA – European Archaeology Network - Rede Europeia de Arqueologia
ICOM – International Council of Museums
ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations

3.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR Actas – Vol. 5

publicação da
Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP)
Rua Aníbal Cunha, 39 - 3º - s. 7 - 4050-048 PORTO - Portugal.
Faxes: (+351) 22 202 69 03 / 22 208 71 49 - E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

Composição, Impressão e Acabamento
A.C. Litografia
Rua Conselheiro Lobato, 179 - 4700-338 BRAGA - Portugal.
Telefs. (+351) 253 27 29 67 / 253 61 65 40 - Fax (+351) 253 61 20 08
E-mail: aclitografia@mail.telepac.pt

Distribuição:
Portico Librerias
P.O. Box 503
50080 Zaragoza - España
E-mail: portico@zaragoza.net

Março de 2001.

Tiragem: 1.000 exs.

Depósito legal n.º 148567/00

ISBN: 972-97613-7-X

Apoios: **FACT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTERIO DA CIENCIA E DA TECNOLOGIA
Reitoria da Universidade do Porto; Governo Civil do Porto; Fund. Eng.º António de Almeida;
Governo Civil de Vila Real.

SUMÁRIO

SESSÃO 17

Arqueologia da morte no II/I milénios a.C.

Coordenadora: Ana M. S. Bettencourt	5
Introdução	7
Aplicaciones de la Arqueología de la muerte en la prehistoria reciente de la Península Ibérica, por Teresa Chapa Brunet	9
Expressões funerárias e cultuais no Norte e Centro de Portugal durante o II milénio AC (resumo), por Domingos Cruz	21
Uma estrutura funerária da Idade do Ferro em contexto habitacional no Crasto de Palheiros – Murça (NE de Portugal), por Susana Andreia Nunes & Ricardo Ávila Ribeiro	23
O mundo funerário da Idade do Ferro do Norte de Portugal: algumas questões, por Ana M. S. Bettencourt.	43
Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios A. C.): breve síntese, por João Luís Cardoso	61
Práticas e rituais funerários no Sul de Portugal durante a Proto-História, por Ana Margarida Arruda	101
Necrópolis y ritos funerarios durante el II milenio en el Sur de España (resumen), por Francisco Contreras Cortés	109
Las cerámicas pintadas con motivos radiales del Túmulo I de la necrópolis de Las Cumbres (Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz) (resumen), por Ignacio Córdoba Alonso	111
La arqueología de la muerte en el sureste de la Península Ibérica, por María Manuela Ayala Juan, Assumpció Malgosa & Sacramento Jiménez Lorente	113
Conclusão	125

SESSÃO 18

Arqueologia Proto-Histórica

Coordenadores: Virgílio Hipólito Correia & Luís Berrocal-Rangel	127
Introdução	129
Diversificación del hábitat del Bronce Medio en Guadalajara: la Cueva de la Vaca, por Pedro José Jiménez Sanz & Rosa M.ª Barroso Bermejo.	131
Ritualización de la arquitectura en el Bronce Final Balear (c. 1100-800 BC.), por Víctor M. Guerrero Ayuso	145
La utilización del sílex en la Edad del Bronce: la cultura del Argar, por Sacramento Jiménez Lorente & María Manuela Ayala Juan	177
Prospecciones en el Alto Guadiana (Lagunas de Ruidera, Albacete). Nuevas aportaciones al conocimiento del Bronce Final: el poblado de la Mesa del Almendral, por Andrés Ocaña Carretón & Antonio José Gómez Laguna	187

<i>Cogotas I en la Cuenca Superior del Tajo</i> , por Jesús Valiente Malla	203
<i>La cronología del Hierro Antiguo en el área de Madrid a partir de los datos obtenidos por análisis de termoluminiscencia</i> , por Isabel Rubio de Miguel & María Concepción Blasco Bosqued	225
<i>Las nuevas excavaciones en el sector tumular de la necropolis orientalizante de la Joya en Huelva (España)</i> , por Juan Pedro Garrido-Roiz	241
<i>Dinámicas demográficas y procesos de colonización en el Alentejo y Extremadura: cuestiones a debate</i> , por Luis Berrocal-Rangel	247
<i>Continuidad y discontinuidad en el poblamiento protohistórico del Noreste de la Meseta Sur</i> , por Alberto J. Lorrio	265
<i>Últimos trabajos arqueológicos sobre la cultura celtibérica</i> , por M. ^a Luisa Cerdeño, Teresa Sagardoy & Jesús Torres	285
<i>Las necrópolis ibéricas en Ciudad Real: estado de la investigación</i> , por Rosario García Huerta & Francisco Javier Morales Hervás	297
<i>Ritual y paisaje funerario en la necrópolis ibérica del Corral de Saus (Moixent, Valencia)</i> , por Isabel Izquierdo Peraile	311
<i>Nouvelles recherches sur l'habitat de l'Âge du Fer dans la vallée du Matarraña (Bas Aragón)</i> , por Pierre Moret & José Antonio Benavente	327
<i>O Cabeço do Couço, Campia, Vouzela</i> , por Ivone Pedro	345
<i>Apuntes para un encuadre de la cultura castreña en el marco peninsular</i> , por Pepa Rey Castiñeira	359
<i>La cerámica roja gaditana de tradición griega (tipo Kuass). Estado de la cuestión</i> , por Ana M. ^a Niveau de Villedary y Mariñas	373
<i>Experimentación en arquitectura protohistórica: el Laboratorio de Arqueología Experimental de El Vendrell (Baix Penedès, Tarragona)</i> , por Jordi Morer, M. Carme Belarte, Joan Sanmartí & Joan Santacana	389
<i>As gravuras rupestres da Idade do Ferro no Vale de Vermelhana (Douro - Parque Arqueológico do Vale do Côa). Notícia preliminar</i> , por Mila Simões de Abreu, Andrea Arca, Ludwig Jaffe & Angelo Fossati	403
<i>Modelos de interpretação e arqueologia proto-histórica</i> , por Virgílio Hipólito Correia	413

SESSÃO 19

Sequências culturais das épocas castreja e romana

Coordenadores: F.-Javier Sánchez-Palencia & Maria Dolores Fernández-Posse	429
<i>Introducción</i>	431
<i>El castro de la Mazada (Zamora): elementos metálicos y contexto peninsular</i> , por Angel Esparza Arroyo & Javier Larrazabal Galarza	433
<i>La fase prerromana de los castros asturianos según el radiocarbono</i> , por José Luis Maya, Joan Salvador Mestres & Francisco Cuesta	477
<i>O Castro de Vila Cova-à-Coelheira na Idade do Ferro do Alto Paiva. Resultados preliminares</i> , por Sílvia Loureiro & Alexandre Valinho	495
<i>Aportaciones al estudio de la evolución del espacio urbano astreño en el occidente de Asturias (siglos IV a. C. - II d. C.)</i> , por Angel Villa Valdés	507
<i>La secuencia cultural del asentamiento de Laias: evolución espacial y funcional del poblado</i> , por Yolanda Álvarez González & Luis F. López González	523
<i>El poblado minero de Sta. María de Castro (Cervantes, Lugo)</i> , por Luis F. López González & Yolanda Álvarez González	533
<i>Conclusiones</i>	541

Arqueologia da morte no II/I milénio A.C.

Coordenação de
ANA M. S. BETTENCOURT

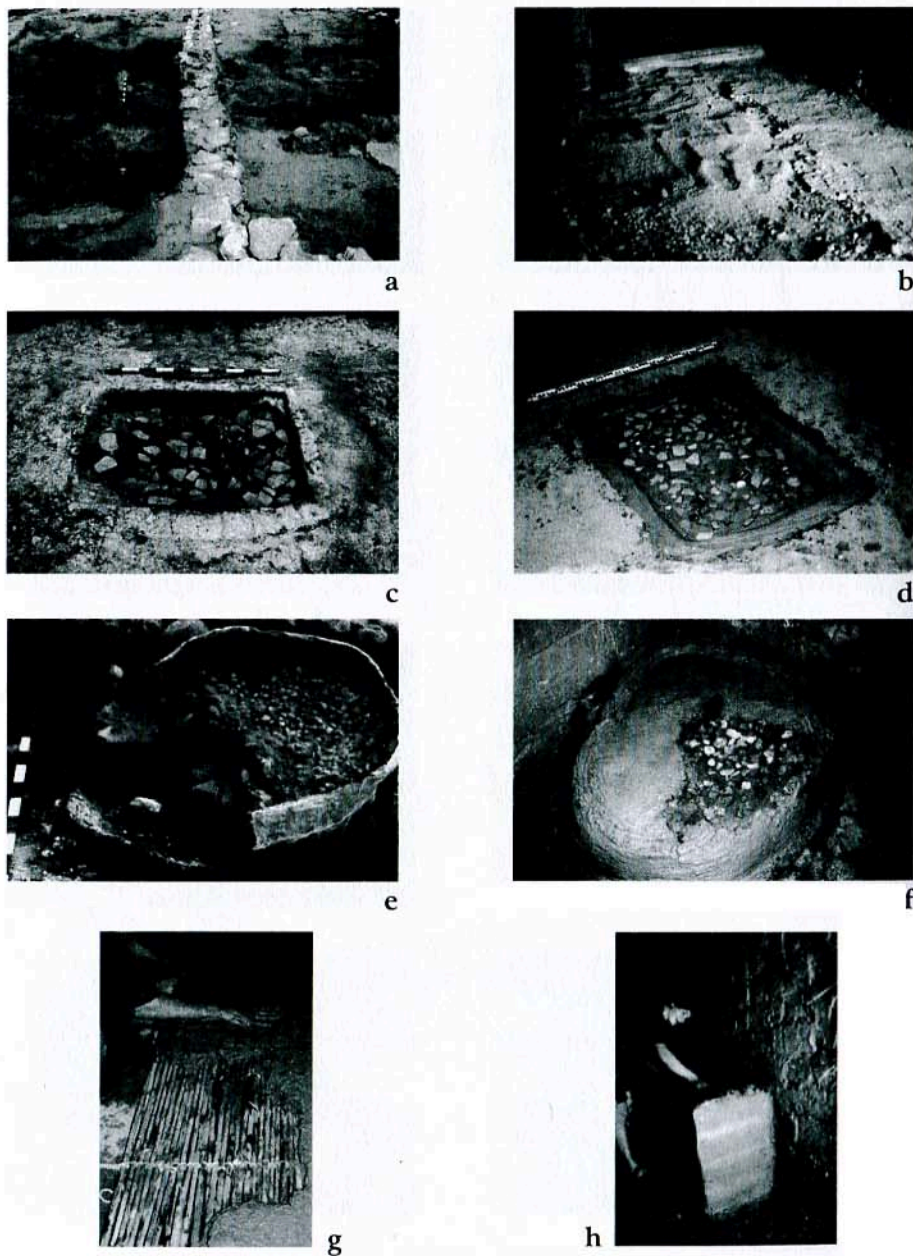


Fig. 3 — a) Vista general de las habitaciones I y II del Barranc de Gàfols; b) Elaboración experimental de pavimentos en el laboratorio; c) Hogar de la habitación I del Barranc de Gàfols; d) Hogar construido en el laboratorio; e) Horno de la habitación I del Barranc de Gàfols; f) Horno de la habitación I del Barranc de Gàfols, durante el proceso de construcción del mismo; g) Construcción experimental de una banqueta o lecho de adobes, cañas y barro; h) Construcción experimental de una estantería.

AS GRAVURAS RUPESTRES DA IDADE DO FERRO NO VALE DE VERMELHOSA (DOURO – PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA). NOTÍCIA PRELIMINAR

por

Mila Simões de Abreu*, Andrea Arcà**, Ludwig Jaffe**
& Angelo Fossati**

Resumo: Nesta comunicação apresentamos os resultados preliminares da investigação levada a cabo na zona de arte rupestre de Vermelhosa (Vale do Côa), em especial no que diz respeito às figuras pertencentes à Idade do Ferro. Gravuras de guerreiros, cavaleiros e outras figuras, entre as quais diversos zoomorfos, constituem um dos mais interessantes e importantes conjuntos e figuras de época proto-histórica até agora descobertos na zona de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Palavras-chave: Arte rupestre; Idade do Ferro; guerreiros.

A DESCOBERTA

Os primeiros painéis gravados do Vale de Vermelhosa foram descobertos, em Junho de 1995, por José Pilério, um investigador amador de Vila Nova de Foz Côa. Estava-se no auge da polémica contra a construção da barragem de Foz Côa e, na ausência de uma prospeção rigorosa, coube a elementos da população local, como os senhores José Pilério, António Nascimento e Adriano Ferreira a “descoberta” de diversas novas zonas de arte rupestre. A eles se deve, por exemplo, a localização de rochas gravadas em Castelo Melhor (Penascosa), em Muxagata (Ribeira dos Piscos) e junto ao rio Douro (Vale de Cabrões e Vale de Vermelhosa). Nas nossas frequentes visitas à zona, fomos então chamados diversas vezes a verificar e a avaliar a importância dessas descobertas.

* Unidade de Arqueologia, Departamento de Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Apartado n.º 202, 5001-911 Vila Real (Portugal).

** Società Cooperativa “Le Orme dell’Uomo”, Piazzale Donatori di Sangue 1, 25040 Cerveneto (Brescia) Itália.

No dia 28 de Junho, dois de nós (MSA e LJ) na companhia dos colegas, Paul Bahn (então vice-Presidente da *Australian Rock Art Research Association*) e Ben Swartz (Presidente da *American Committee to Advance the Study of Petroglyphs*) visitaram a zona da Vermelha e de imediato constataram que estávamos perante uma das mais interessantes e importantes estações de arte rupestre, não só da área do Côa mas também de todo o Vale do Douro. A presença de figuras de clara cronologia pós-paleolítica chamou-nos imediatamente a atenção e despertou em nós o desejo de um dia estudarmos a área.

O INÍCIO DO ESTUDO

Um ano depois, no verão de 1996, no âmbito Projecto “Gravado no Tempo” – *Inventário Total da Arte Rupestre Portuguesa*, tivemos ocasião de organizar uma equipa internacional que iniciou o estudo da arte rupestre da zona do Vale da Vermelha. Para tal contámos com a colaboração da IFRAO (International Federation of Rock Art Organizations) e a participação dos colegas Jane Kolber e Paul Firnhaber dos EUA. Durante esses 3 meses de trabalho de campo, procurámos experimentar uma metodologia de pesquisa que fosse, ao mesmo tempo, eficaz, rápida e económica. Este esforço foi bem sucedido e concluímos o levantamento total 6 superfícies gravadas. Em duas delas identificámos uma série de figuras às quais atribuímos cronologia pós-paleolítica, e que são o objecto desta comunicação.

AS FIGURAS

Nas rochas de Vermelha existem dois tipos distintos de figuras pertencentes à época pós-paleolítica: as figuras antropomorfas e as figuras zoomorfas. A elas estão, provavelmente, associadas outras gravuras e séries de traços de difícil interpretação e determinação cronológica.

As figuras antropomorfas encontram-se tanto isoladas como em grupo, constituindo, por vezes, verdadeiros quadros de duelos. Nesse caso, como numa cena da rocha n.º 4 (fig. 1), as figuras humanas apresentam um certo dinamismo e realismo. Estão representadas com os braços erguidos, o sexo em evidência e os cabelos compridos ao vento. O armamento é constituído por lanças e pequenos escudos côncavos. Esses escudos seriam talvez em pele e com uma estrutura de madeira com partes metálicas, e não totalmente em metal. Uma espécie de larga faixa (na cintura formada por linhas paralelas) representaria talvez uma espécie de armadura ou outro tipo de protecção (fig. 2). O esquematismo das gravuras de armas não permite uma identificação tipológica segura, no entanto, a sua atribuição cronológica pode ter paralelo principalmente no que diz respeito à cerâmica pintada ibérica numantina (fig. 3) ou aos famosos vasos de Liria (fig. 4) do último século do I milénio a. C. (ABAD CASAL-SANZ GAMO, 1995). Nesses vasos os guerreiros aparecem com o mesmo tipo de armamento e com um estilo semelhante. O mesmo acontece, por exemplo, em algumas figurinhas de bronze conservadas no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (TREVINO 1986). Estilisticamente essas figuras recordam as gravuras de indivíduos armados e em posição de duelo da Idade do Ferro, na zona de Valcamónica, nos Alpes Italianos.

Se estes duelos são representações de factos reais ou meros retratos de acontecimentos épicos ou míticos, é difícil afirmar. Um certas características zoomorfas presentes nalgumas figuras, traduzidas na representação de uma espécie de bico de pato, podem fazer pensar em cenas de carácter mitológico, muito mais do que em relatos de batalhas reais (fig. 5).

Vale a pena salientar que, entre os antropomorfos, diversos estão incompletos, faltando-lhes partes do corpo, com os membros superiores. No entanto, outras características anatómicas, como as coxas e a barriga das pernas, são bem definidas, chegando mesmo num caso uma figura a ter gravado claramente um olho.

Entre as figuras antropomorfas existe um importante sub-tipo – os cavaleiros – presente principalmente na rocha n.º 1 de Vermelha. Essas figuras humanas estão sobrepostas a figuras zoomorfas de equídeos. Não é possível identificar com exactidão de qual destes animais se trate mas as longas orelhas e as patas relativamente curtas podem representar um certo tipo de animal, nomeadamente um mulo ou burro. Por outro lado talvez sejam apenas meros acidentes estilísticos. Num dos casos (fig. 6), o “cavaleiro” ostenta uma longa lança de duas pontas, e noutro um possível escudo côncavo (fig. 7). Em todos esses exemplos, a figura humana parece controlar com as rédeas o zoomorfo, o que por si só nos leva a pensar que não se trata de uma casual sobreposição de gravuras. Em todos os casos os antropomorfos “a cavalo” foram gravados sobre outras figuras, estando o caso da figura 5, da rocha n.º 1, claramente executado sobre a figura de zoomorfo de corpo preenchido, realizada em estilo paleolítico.

Entre as figuras de zoomorfas contamos com representações de equídeos, cervídeos e provavelmente canídeos. Se tais animais são selvagens, ou domesticados, é difícil de afirmar, não sendo portanto de excluir que se tratem de possíveis presas. A associação de cenas de duelo e de caça está de novo presente noutras zonas da Europa, nomeadamente em Valcamónica. Mais do que verdadeiras caçadas, essas cenas têm sido interpretadas como representações de ritos de iniciação ou de relatos de carácter mitológico. Uma cena da rocha n.º 4, na qual duas aves (águias?) parecem comer um peixe, parece ser um bom exemplo disso. Do ponto de vista iconográfico, conhecemos uma semelhante numa colher de época romana (figs. 8 e 9).

É necessário acrescentar que os estudos dessas cenas e figuras não podem deixar no futuro de ter em consideração outros achados semelhantes em áreas próximas. Actualmente conhecem-se na zona Douro-Côa 14 localidades com figuras que podem ser atribuídas à Idade do Ferro. Elas são: Vale da Casa, Vale de Cabrões, Vale de Vermelha, Vale de José Esteves, Foz do rio Côa, Ribeiro de Urros, Vale do Forno, Vale de Moinhos, Fonte Frieira, Vale de Moinhos, Meijapão, Canada do Amendoal, Ribeiro de Piscos, Penascosa.

Na maioria dos casos essas estações estão ainda em fase preliminar de estudo. As gravuras de Vale de Cabrões, Vale de José Esteves e Canada do Amendoal foram publicadas só de forma muito insuficiente e as de Foz do Rio Côa, Ribeiro de Urros, Vale do Forno, Vale de Moinhos, Fonte Frieira, Vale de Moinhos, e Meijapão permanecem praticamente inéditas. Duas das zonas do Parque Arqueológico do Côa que actualmente estão abertas ao público – Penascosa e Ribeira de Piscos – possuem também figuras provavelmente pertencentes a esse período cronológico, embora não estejam entre as rochas habitualmente visitadas pelos turistas. Noutro caso – Vale da Casa – as gravuras encontram-se, deste os anos oitenta, debaixo de

água, o que não só compromete a sua conservação, como inviabiliza a sua observação directa.

EM CONCLUSÃO

Apesar dos estudos terem ainda um carácter preliminar, é possível, tendo em conta as características estilísticas e as comparações possíveis do ponto de vista da arqueologia rupestre, afirmar que existe no vale de Vermelhosa um numeroso conjunto de gravuras pertencentes cronologicamente à Idade do Ferro. As temáticas apresentadas – duelos, cavaleiros, figuras armadas e animais – apontam para um significado mais profundo, que ultrapassa o mero relato de ocorrências ou acontecimentos. O estudo de outros exemplos, os possíveis confrontos, as sobreposições, etc., deverão, no futuro, abrir as portas para uma caracterização mais precisa de fases e períodos dentro dessa cronologia mais vasta. Até lá é possível afirmar que o Vale da Vermelhosa – Douro é, sem dúvida, uma das estações mais importantes no que diz respeito à arte rupestre e à iconografia da Idade do Ferro do Norte de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- ABAD CASAL, L. & SANZ GAMO, R. (1995), "La Ceramica Iberica con decoracion figurada de la provincia de Albacete. Iconografia y territorialidad". In *Saguntum*, 29, pp. 73-84.
- ABREU, Mila Simões de & JAFFE, Ludwig (1996), "Southern Europe – Recent Discoveries of Post-Palaeolithic Rock art in Portugal". *Rock Art Studies. News of the World*: 29-33. Oxbow Monograph 72, Oxford.
- ABREU, Mila Simões de; ARCÀ, Andrea; FOSSATI, Angelo & JAFFE, Ludwig (1996a), "The Vermelhosa site and the 'Etched' project", *Tracce*, 5, November, Società Cooperativa Archeologica "Le Orme dell'Uomo", Cerveno.
- ABREU, Mila Simões de; ARCÀ, Andrea; FOSSATI, Angelo & JAFFE, Ludwig (1996b), "Palaeolithic rock engravings at Vermelhosa, Cõa Valley Archaeological Park, Portugal". *Atti del XIII Congresso*, 3: 121-125, Abaco Edizioni, Forli.
- FOSSATI, Angelo (1996), "The Iron Age in the Rock Art of Vermelhosa, Portugal", *Tracce*, 5, November, Società Cooperativa Archeologica "Le Orme dell'Uomo", Cerveno.
- TREVINO, R. (1986), *Rome's Enemies: Spanish Armies. 218BC-19BC*, London.

OUTRAS REFERÊNCIAS

<http://www.rupestre.net/tracce/coaferro.html> (2000)

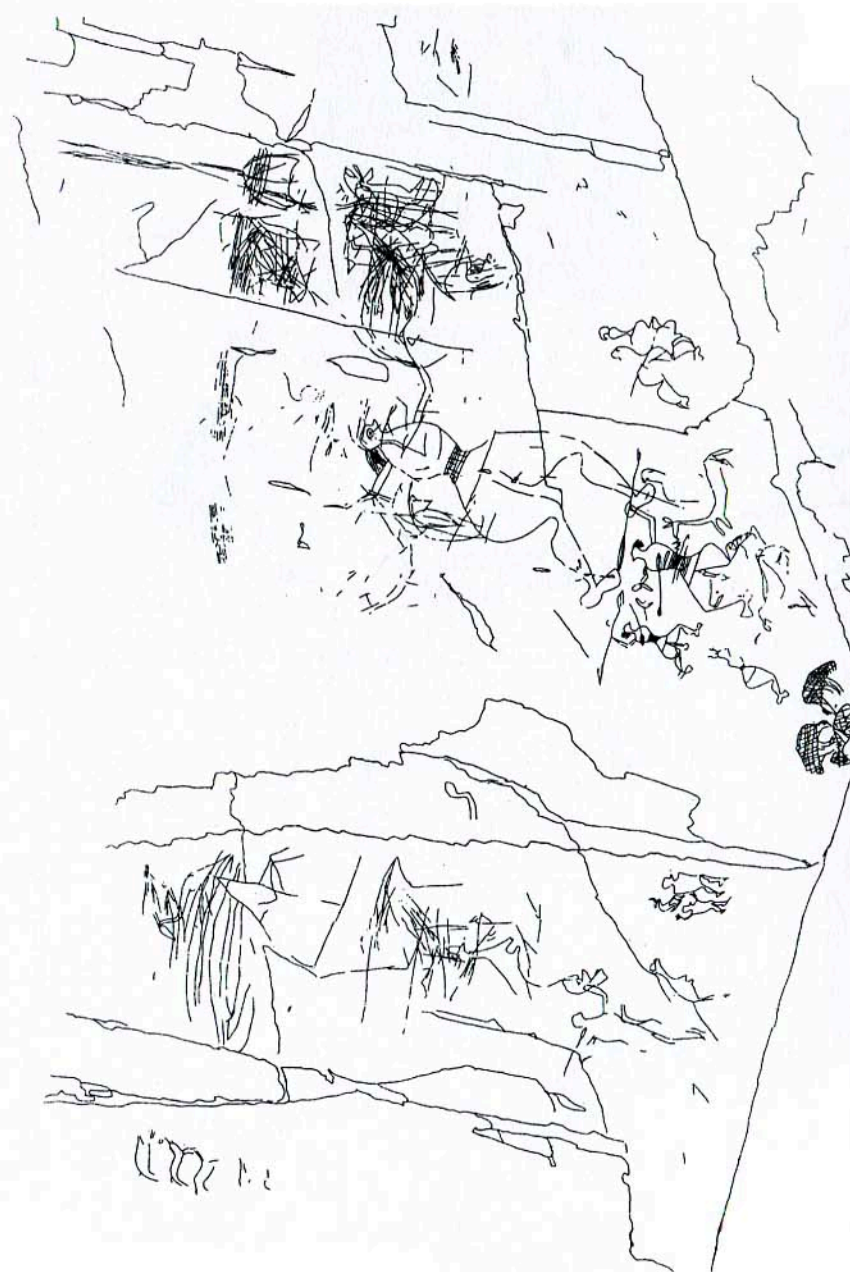


Fig. 1 — Vale da Vermelhosa, (Douro), rocha n.º 4. A figuras humana maior da cena inferior (brandindo uma lança) (v. fig. 2) tem c. de 24 cm de altura. Levantamento © projecto "Gravado no Tempo" 1996.



VALE DE VERMELHOSA - Rocha 4 - Detalhe, cena de duelo
© Projecto Gravado no Tempo - 1996

Fig. 2 — Vale da Vermelhas , rocha n.º 4 — detalhe — cena de duelo. Levantamento © projecto "Gravado no Tempo" 1996.



Fig. 3 — Cerâmica pintada ibérica numantina — cavaleiro
(seg. ABAD CASAL & SANZ GAMO, 1995).



Fig. 4 — Vasos de Liria (fig. 4). último século do I milénio a. C.
(seg. ABAD CASAL & SANZ GAMO, 1995).

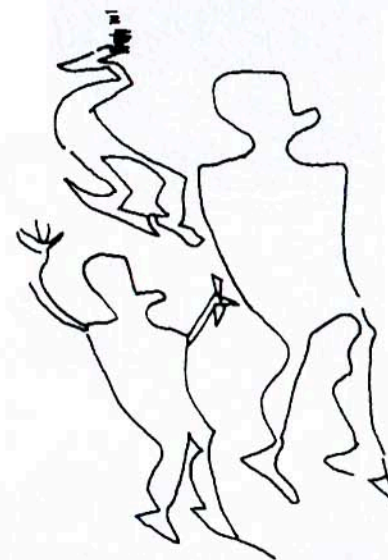


Fig. 5 — Rocha n.º 4 figuras antropomorfas com bico de pato.
Altura da fig. da direita: c. de 12 cm. Levantamento © projecto "Gravado no Tempo" 1996.



Fig. 6 — Vale da Vermelha, rocha n.º 1 — cavaleiro. O equídeo tem c. de 20 cm de comprimento.
Levantamento © projecto "Gravado no Tempo" 1996.

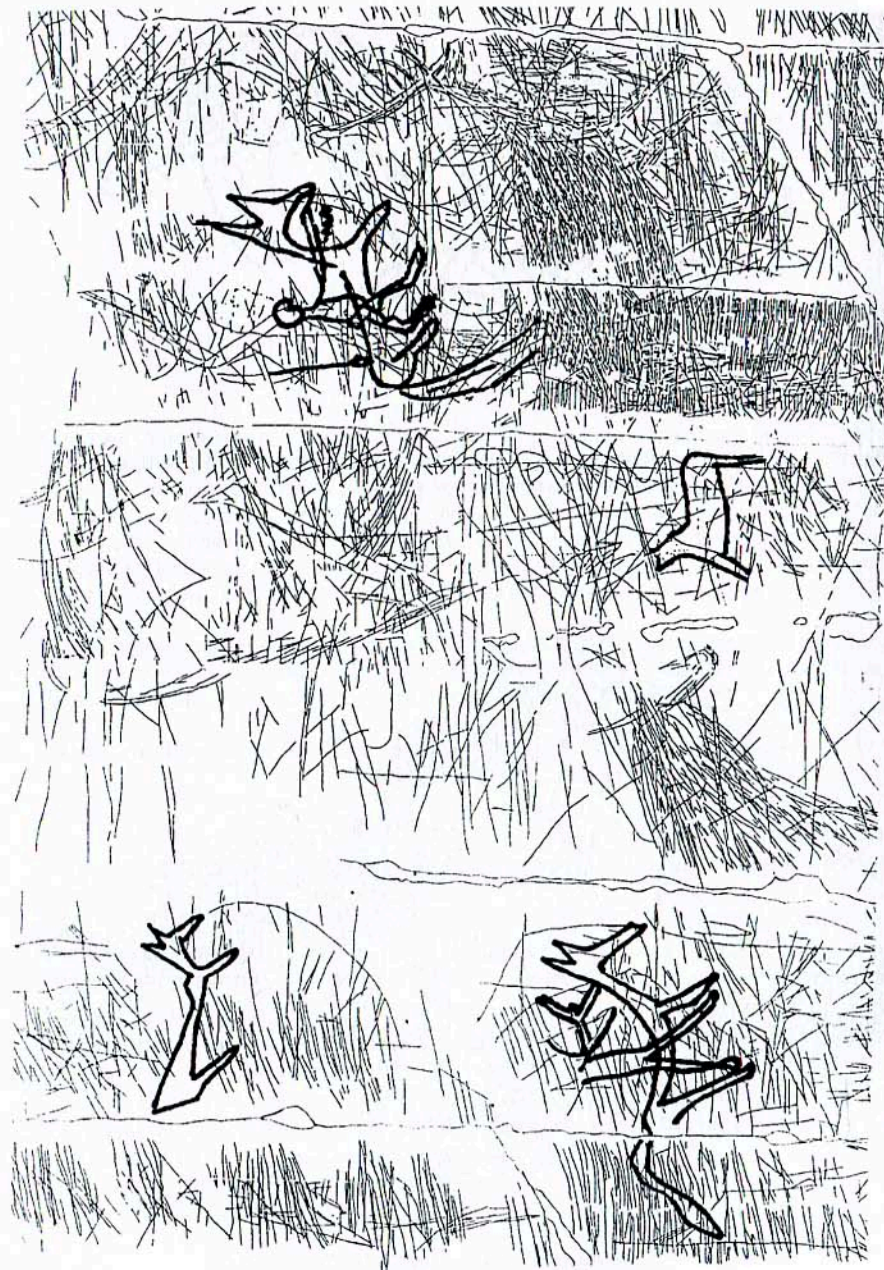


Fig. 7 — Vale da Vermelha, rocha n.º 1 — cavaleiros. O equídeo montado da direita tem c. de 16 cm de comprimento.
Levantamento © projecto "Gravado no Tempo" 1996.

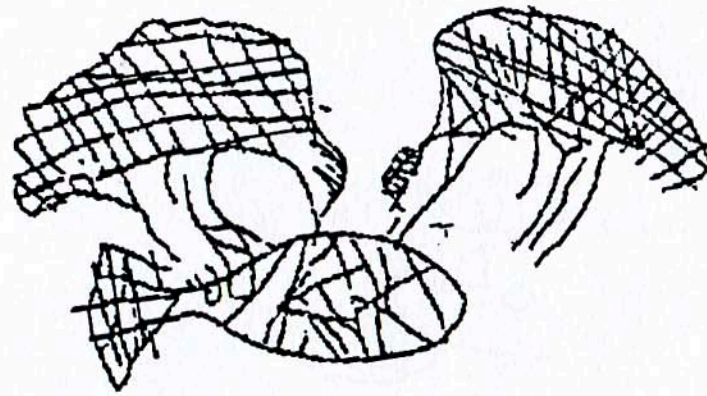


Fig. 8 — Vale da Vermelha rocha n.º 4 — Figuras de aves e peixe. Largura: c. de 22 cm.
Desenho © projecto "Gravado no Tempo" 1996.

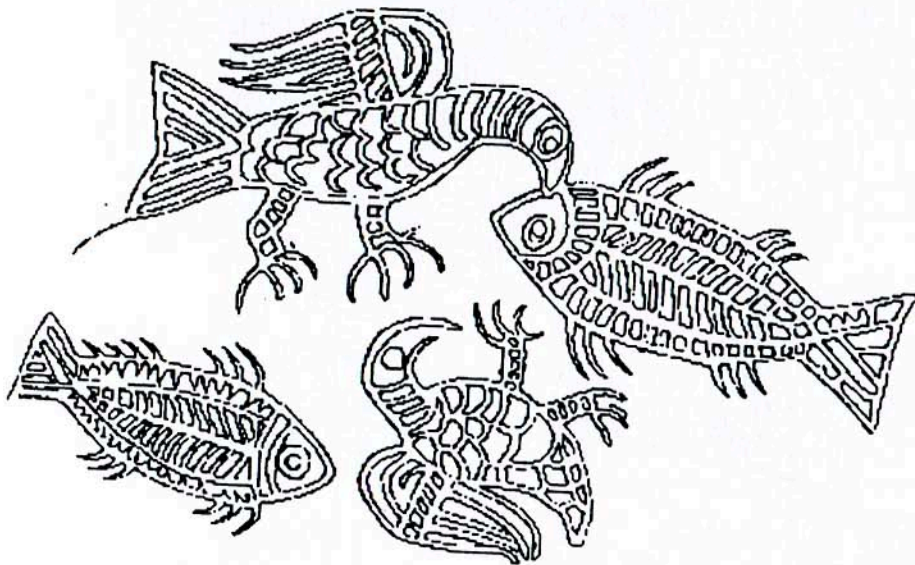


Fig. 9 — Cena em colher romana (seg. TREVINO, 1986).

MODELOS DE INTERPRETAÇÃO E ARQUEOLOGIA PROTO-HISTÓRICA

por

Virgílio Hipólito Correia*

Resumo: A arqueologia proto-histórica é distinta pelo recurso que faz a distintos modos de interpretação, e pelo peso especial que os conhecimentos assim obtidos têm na reconstituição global das sociedades. Na Península Ibérica surgem ainda alguns problemas endémicos que levantam questões cruciais, como a existência de escritas locais imperfeita ou incompletamente decifradas, a clivagem entre grupos culturais de origens dêmicas distintas e o cruzamento de situações locais com acontecimentos de escala continental de natureza distinta e por vezes conflitual, como a competição entre as talassocracias arcaicas, a expansão céltica ou as guerras púnicas.

Nesta perspectiva, a comunicação aborda dois temas, que dizem respeito à escolha de um modelo histórico-antropológico para a evolução das sociedades sidéricas e à caracterização da organização socio-económica como um modelo urbano não-clássico.

Palavras-chave: Idade do Ferro; modelos; evolução social.

A arqueologia proto-histórica é distinta pelo recurso que faz a distintos modos de interpretação e pelo peso especial que os conhecimentos assim obtidos têm na reconstituição global das sociedades.

A arqueologia das sociedades coevas das sociedades clássicas recorre a uma maior gama de informações que a arqueologia pré-histórica, o que dá origem a quadros mais ricos e pormenorizados que os que aquela traça, mas elabora sobre conjuntos de dados mais pobres e menos fiáveis que os que a arqueologia clássica maneja, sendo por isso mais complexo e necessariamente mais laborioso o quadro de comprovação científica das conclusões a que é necessário chegar.

Na Península Ibérica surgem ainda alguns problemas endémicos que levantam questões cruciais, como a existência de escritas locais imperfeita ou incompletamente decifradas, a clivagem entre grupos culturais de origens dêmicas distintas e o cruzamento de situações locais com acontecimentos de escala continental de natureza distinta e por vezes conflitual, como a expansão céltica ou as guerras púnicas.

* Museu Monográfico de Conímbriga, Portugal.